

Fernando Pessoa

Neste capítulo profético entendamos porém o sentido das nossas ideias.

Ibéria

Neste capítulo profético entendamos porém o sentido das nossas ideias. Seria absurdo esperar que eu, ou outrem, mesmo com o auxílio de toda esta teoria delineada, pudesse mais que esboçar os resultados culturais que a sua aplicação e realidade futuras trariam. Neste ponto prever seria já ter. O que é possível esboçar e esboçar apenas, é que espécie de síntese resultaria de tal realização, e que elementos essa síntese conteria. O que é possível é ter a visão de como a síntese é feita, e não do que ela é, em verdade e vida, depois de feita.

Dissemos que a síntese cultural ibérica devia nascer da conjugação de três elementos, ou atitudes. Baseia-se no nosso comum carácter ibérico, e esse é o fundo ibero-romano-árabe da nossa personalidade psíquica comum. No que síntese cultural positiva ela é isso, entendendo-se, porém, que o é através da absorção assimiladora dos elementos contemporâneos de civilização. É a iberização das correntes civilizacionais europeias que forma a síntese ibérica, que é a transcendência especial de tais correntes somadas na nossa personalidade própria.

No que negativa, essa síntese cultural opõe-se, por um lado, ao próprio passado ibérico que foi inimigo da Ibéria: e esse passado resume-se nas doutrinas da Igreja Católica; por outro lado se opõe à cultura francesa, e à cultura alemã, que são as derivadas fortes das iniciais italiana e inglesa. A síntese ibérica é inimiga da cultura francesa porque a lucidez superficial do francês se não pode casar com os elementos árabes, profundos e intensos, da nossa personalidade psíquica, com o elemento sonhador, colorido, incendiado, do nosso arabismo nativo hoje. É inimiga da cultura germânica porque [...]

Não é inimiga da cultura italiana e da cultura inglesa, porque estas são culturas fundamentais e não meramente traduzidas, como as outras duas. Opor-nos a elas seria levantar barricadas contra a civilização. Somos a síntese do Mediterrâneo e do Atlântico; a cultura italiana é a flor do Mediterrâneo, a

inglesa a do Atlântico no Norte. A França e a Alemanha são países intermédios, meros transmissores e aperfeiçoadores da criação alheia.

Na germanofilia castelhana e na francofilia portuguesa estão manifestadas as duas traições culturais da península.

Para mim, poeta decadente, para quem a política é apenas o mais perigoso dos divertimentos inúteis, tudo isto tem a importância [...]

Se, porém, se não trata de amizade, e de aproximação amistosa, frases que têm, entre as outras apontadas, a desvantagem de não terem sentido; se se trata de qualquer acordo que mais nitidamente se sinta e mais solidamente se veja, o caso é outro, e temos que encarar de frente, sem intuídos de ser complacentes ou mesmo imparciais (a imparcialidade é a forma menos nobre de ser parcial, porque é a mais hipócrita, porque é a única verdadeiramente hipócrita).

Na península hispânica, de um lado a outro, nós não somos latinos, somos ibéricos. É preciso assentar nisto, antes de em mais nada. Nada temos, psicologicamente, de comum com os dois países herdeiros da civilização latina propriamente dita — a Itália e a França. Nós não somos latinos, somos ibéricos. Temos — espanhóis e portugueses — uma mentalidade à parte do resto da Europa. Por mais diferenças que nos separem (e elas deveras existem) estamos mais próximos psiquicamente uns dos outros, do que qualquer de nós de outro qualquer povo extra-ibérico. Têm-se dito coisas como que nós portugueses somos mais parecidos com os franceses, ou com os italianos, do que com os espanhóis; felizmente não é verdade. A que grau de desnacionalização não era preciso que houvéssemos chegado para se poder dizer com justiça que [...]

Se somos ibéricos, temos direito a esperar que tudo deve tender para uma política ibérica, para uma civilização ibérica que, comum aos países que compõem a Ibéria, a todos, porém, transcenda (a cada um deles individualmente transcenda).

s. d.

Ultimatum e Páginas de Sociologia Política. Fernando Pessoa. (Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução e organização de Joel Serrão.) Lisboa: Ática, 1980: 16.